

No sagrado do sangue feminino: um olhar sobre *Vaca Sagrada* e o monólogo de Molly Bloom

Juliana de Jesus Amorim Pádua - Universidade de Brasília (UnB)¹

Mirem-se no exemplo
daquelas mulheres de Atenas
vivem pros seus maridos
orgulho e raça de Atenas

Quando amadas se perfumam
se banham com leite, se arrumam
suas melenas
Quando fustigadas não choram
se ajoelham, pedem imploram
mais duras penas, cadenas

Mirem-se no exemplo
daquelas mulheres de Atenas
sofrem pros seus maridos
poder e força de Atenas.

Chico Buarque, *Mulheres de Atenas*

RESUMO: Em várias civilizações, o sangue encarna a dimensão essencial entre vida e morte; nas palavras de Simone de Beauvoir, é o “elemento sagrado, penetrado mais do que qualquer outro pelo mana misterioso.” Entre as representações desse elemento, o sangue menstrual é, na visão patriarcal, o evento mítico associado à parte maléfica do feminino; carregado de forças perigosas. Nas distâncias temporal e espacial entre a obra *Vaca Sagrada*, da autora chilena Diamela Eltit, e o monólogo de Molly Bloom, de James Joyce, a narrativa confessional de duas personagens assume multiplicidade de sentidos e versões diferentes para esse signo sexual relacionado ao ciclo gerador da vida.

Palavras-chave: sangue, feminino, sagrado, *Vaca sagrada*, monólogo de Molly Bloom.

ABSTRACT: In many civilizations, the blood embodies the essential dimensions of life and death, in the words of Simone de Beauvoir, it is the “sacred element, soaked more than any other by the mysterious mana”. Among the representations of those elements, the menstrual blood is, in the patriarchic view, the mythical event associated to the evil side of the feminine, charged with dangerous energies. In the temporal and spatial distance separating *Vaca sagrada*, by Chilean writer, Diamela Eltit, and the Molly Bloom monologue, by James Joyce, the confessional narrative of two characters poses multiple meanings and versions to this sexual sign related to the life bringing cycle.

Key-words: blood, feminine, sacred, *Vaca sagrada*, Molly Bloom monologue.

Socialmente, o sangue assume diversas acepções ao longo dos séculos, mas a relação entre vida e morte parece ser uma das mais difundidas. Esse fenômeno emerge nas rupturas do corpo e aparece também no valor simbólico de sua representação. Foucault (2007) afirma que “o sangue é o sexo da burguesia”, ou seja, diferente dos nobres, que relacionavam o sangue à linhagem e à descendência; os burgueses, influenciados pelos pensamentos naturalistas e deterministas da ciência, buscaram fundamentos na saúde e na herança genética quando da escolha do parceiro sexual. Sob a ótica do gênero, esse

símbolo se estabelece em campos opostos; para o “masculino” é sinônimo de guerra, de luta e de morte gloriosa; já para o feminino, o sentido volta-se para a vida, a dor e o sofrimento, associados à feminilidade, principalmente na hora do parto e na fecundação.

Das representações físicas e simbólicas, o sangue menstrual é talvez um dos que mais desperte temeridade, especialmente da parte do masculino; esse sangue não emana de uma agressão aos tecidos ou é proporcionado por uma lesão, ainda assim a força simbólica que representa o coloca no espaço das proibições do discurso, o tabu, e na associação com impureza; considerado signo do mistério e da maldição para muitas culturas. Entre os Aleutas, imaginava-se que se o pai visse a filha quando das primeiras regras, ela poderia ficar cega ou muda (BEAUVOIR, 2001). O pensamento predominante era o de que durante esse período a mulher seria possuída por um espírito e carregada de forças perigosas. “Sem dúvida, o sangue é em si um elemento sagrado [...]. Mas os poderes maléficados do sangue menstrual são mais singulares. Ele encarna a essência da feminilidade. É por isso que põe em perigo a própria mulher cujo mana assim se materializa (BEAUVOIR, 2001: 190)”.

Na obra *Ulisses*, James Joyce transforma a saga heróica do épico grego em um dia de turbilhão de pensamentos na vida de Leopold Bloom. O livro, escrito entre 1914 e 1921, rompeu não apenas com a estrutura narrativa tradicional e linear como também repensou vários estigmas no campo sexual. A inversão da figura do herói para o homem comum, a transformação da mulher grega de Ítaca, modelo de fidelidade, para a esposa infiel e a trama psicológica fizeram de Joyce um dos maiores ícones da literatura do século XX. A obra termina com o monólogo de Molly Bloom, uma referência à última parte da *Odisséia* em que Penélope, acordada por uma empregada, recebe a notícia da volta de Ulisses. O “sim” da senhora Bloom carrega o estigma feminino da subserviência e é analisado pela personagem. Entre várias confissões e um derramamento erótico e sexual, a Penélope moderna analisa os incômodos corporais de um dos maiores tabus da feminilidade, o sangue menstrual. A imagem da pureza virginal se opõe à mancha da mancha vermelha sobre os lençóis, que é, entretanto, desmistificada pela personagem e reduzida a um outro significante qualquer.

[...] O' Jesus espere sim aquela coisa chegou em mim agora sim não é para a gente ficar naturalmente atormentada com toda aquela socação e trepada e penetração dele em cima de mim agora o que é que eu vou fazer sexta sábado e domingo não é de desmontar a alma de uma pobre mortal a menos que ele goste disso alguns homens gostam só Deus sabe há sempre alguma coisa errada conosco 5 dias de três em três ou quatro em quatro semanas o costumeiro desmanchar mensal. [...] Ó haja paciência para este despejamento de sangue fora de mim como um oceano de qualquer maneira grande do jeito que ele é ele não me engravidou eu não quero estragar os lençóis limpos que eu acabei de pôr na cama suponho que a roupa de cama limpa que eu usei atraiu essa droga eles sempre

querem ver uma mancha na cama para saber se a gente é virgem para eles é isso que os perturba eles são também tolos que a gente podia ser viúva ou 40 vezes divorciada e uma mancha de tinta vermelha ou suco de amora preta funcionaria não essa é arroxeadada demais. (JOYCE, 2005: 799-800)

Indo um pouco além, da narrativa joyceana, *Vaca sagrada* subverte a visão maléfica do sangue para imprimir um valor sagrado e de força vital. A obra de Diamela Eltit² institui no sangue menstrual o gozo³ inalcançável de seus significantes. O sangue inonimado é fluido do gozo e descortina o real, ou seja, o indefinido. Escrito setenta anos depois de Joyce, em 1991, o livro da autora chilena, nomeado por ela de “novela do desencanto”, narra as experiências de corpos errantes que caminham pela cidade em busca de trabalho nas demandas das políticas neoliberais. O foco narrativo se divide entre a personagem que escreve em primeira pessoa e um outro observador, que narra a vida de Francisca Lombardo⁴, provavelmente a mesma que escreve como narrador-personagem. Esses corpos encontram na violência e no extravasamento sexual uma forma de libertação. A antologia narrativa de Eltit é marcada pela repressão do regime militar de August Pinochet, no Chile de 1973, destarte, os signos morte, sangue e violência aparecem em praticamente todas as obras da autora; desde *Lumpérica* (1983), o primeiro livro, até *Jamás el fuego nunca*, escrito em 2007. Mesmo após o fim do regime ditatorial, Diamela Eltit interpõe nas brechas narrativas o estado devastador dessa ameaça ainda iminente nos países da América Latina. A capa democrática hoje adotada pela maioria dos países do Ocidente, seja apenas para Eltit um novo-velho governo repressor bem disfarçado.

Em *Vaca Sagrada*, a narradora-personagem encontra na relação sexual com outro personagem, Manuel, o reverso significativo do tabu social, um gesto de rebeldia e liberdade na experimentação diferente do corpo, fora dos limites impostos pela sociedade. “Terrivelmente cálidos, nada conseguia nos deter. Nem meu sangue [...] De pé, de pernas abertas, meu sangue corria sobre Manuel e essa imagem era interminável [...] Manuel pedia que lhe contagiasse com meu sangue” (ELTIT, 2001: 24-25). O gozo além, ou o gozo do Outro⁵ é o espaço encontrado para agir nas mediações do discurso, estado de tensão. Diamela Eltit busca nas representações simbólicas do sangue⁶ uma linha de fuga, o *rizoma*⁷ inapreensível, que cresce para baixo, longe dos olhos do controle da Lei, o furo que possibilita, alegoricamente, o impossível, fugir à tríade edipiana, destruir o simbólico, matar o Pai. Tal busca é também percebida na metáfora mulher-vaca que, ao criar uma metamorfose imaginária, liberta o corpo feminino e desconstrói sua forma submissa.

Quis sua língua, quis tanto sua língua, quis tragar-me sua língua. Mas nunca fui eu, fui meu animal que mugia por sair com uma enorme língua rosada. Eu estava áspera para saliva, estava suave para o quarto. Cada um de meus peitos caiu sobre cada um de seus olhos. Disse que não queria nada comigo se eu estivesse com sangue. Que não suportava os lençóis manchados. (ELTIT, 2001: 97)

Nas narrativas elitianas, o sangue é um elemento presente; seja na representação da tortura em *Por la patria* (1986), no símbolo sagrado batismal em *Lumpérica* (1983), na morte de referência histórica de Carlos Prats, em *Puño y Letra* (2005), nas imagens das dores da maternidade em *Los trabajadores de la muerte* (1998), na visão asquerosa e maculada em *Mano de Obra* (2002); ou ainda na força reivindicatória de trabalhadoras na obra *Vaca sagrada* contra o poder patriarcal. “O mundo do trabalho desfila diante dos meus olhos. As trabalhadoras caminham em linha reta e sangram pelos narizes. Quero sangrar, desfilando com o punho no alto, gritando pela restituição de nossos direitos” (ELTIT, 2001: 115).

A chegada da menstruação para a irmã gêmea no livro *El cuarto mundo*, de Diamela Eltit, aparece como fato assustador para o irmão; um tabu mais terrível do que a relação incestuosa que envolve os dois.

Ah, o terror e a perseguição do sangue! Recordo quando minha irmã sangrou pela primeira vez [...] iniciou uma viagem cheia de mal estares jamais sentidos por mim. Já antes havia tentado falar disso, assustada, ansiosa pelo processo que a esperava. Não quis escutá-la e menos ainda fazer comentários sobre o que me parecia um sintoma sujo e pessoal. (ELTIT, 1996: 69)

Entretanto, o signo discursivo que proíbe que se fale sobre esse evento é invertido na obra *Vaca sagrada*, uma vez que, nessa obra, o sagrado do sangue dispensa sua sujeição ao discurso e a força desse momento não pode ser reduzida a palavras. A palavra cria as proibições e limita as atitudes, é a função reguladora e castradora do corpo. “Jamais falávamos do sangue. Simplesmente o esperávamos para gerar a confusão nos nossos corpos. Fundidos no sangue, as palavras se faziam genocidas” (ELTIT, 2000: 25).

Vaca sagrada trabalha o sangramento do corpo da mulher como um modo de reinstalar, com outra dimensão, uma diferença corporal evidenciada pelos setores que tentam neutralizar as diferenças nos corpos e construir um sujeito único, como por aqueles que propõem sinalizar a diferença no essencialismo das categorias imóveis do feminino e do masculino.” (OLEA, 1993: 93)

A relação pulsional da personagem com o sangue permeia de diversas maneiras toda a obra; na violência da agressão física, na morte, na ferida. No entanto, o sangue que emana do órgão genital, é o lócus onde se encontra o prazer e a satisfação narcisística.

Queria meter-me debaixo de minhas próprias saias e caminhar enrolada entre minhas pernas. Desejava ser o pano que detivera o fluxo e contivera o coágulo. Ah! Eu teria gostado tanto de caminhar metida entre minhas pernas, subindo-me, subindo-me e penetrando-me até chegar ao depósito do meu sangue. (ELTIT, 2001: 84)

O sangue menstrual é o mantenedor da memória, que restitui à personagem a existência de um sentido e é capaz de alterar a versão oficial do relato que a separa de Manuel. “Eu não estava morrendo, mas sangrava. Manuel estava detido no Sul e meu sangue conseguia suspender sua morte por uma noite” (ELTIT, 2001: 51).

Separados, entre outras coisas, pelo tempo, pelo espaço e pelo gênero, James Joyce e Diamela Eltit encontraram nos signos sexuais o centro da discussão sobre controle disciplinar e poder, que por meio de uma morfologia sexual pré-determinada, estabelece comportamentos, ideologias e discursos. O “sim” que inicia e termina o capítulo Penélope de Joyce não é uma referência que pode ser associada apenas à submissão, mas remete-se também ao estado cíclico feminino, à gestação e à falta de temporalidade; é uma afirmação questionadora dos valores do falocentrismo, que relegaram à mulher um papel social e histórico secundário. Diamela Eltit (2008b) lembra que o papel da Penélope do épico foi reduzido a um lugar de espera, o que esconde a ação perspicaz que a personagem utiliza ao tecer e destecer o manto e assim protelar o seu casamento com outro homem; estratégia que garante a salvação de todo o reino. A renda utilizada por Molly Bloom é a palavra e o desfazer das crenças culturais. Do mesmo modo, a confissão e o mapa psicológico traçados em *Vaca Sagrada* garantem o questionamento do discurso construído na organização e na pretensa neutralidade. Ambos os textos adotam a estrutura semiótica de Julia Kristeva, na desconstrução da linguagem e na apresentação caótica em desobediência às normas sintagmáticas e sociais. Por fim, o sangue, símbolo sagrado da vida e da morte, aponta para vertentes diferentes. No entanto, da perturbação feminina, presente no imaginário popular, em James Joyce à relação gozosa e transgressora da obra de Diamela Eltit, alguns pontos se entrecruzam: o temor e o tabu histórico sobre o ciclo menstrual feminino.

¹ Mestre em Literatura hispano-americana na Universidade de Brasília (UnB) desde 2009.

² Diamela nasceu em 1949, de uma família de classe média baixa e estudou em um liceu, Saint Rose School. Em 1970 entrou na Universidade, no curso de Ciências Políticas e Administrativas, porém se decepcionou com o curso e passou a estudar Pedagogia na Universidade Católica. No ano em que a história política do Chile sofre radicais mudanças com o golpe militar, a escritora começa a estudar no Departamento de Estudos Humanitários da Universidade do Chile, lugar determinante na produção artística de Eltit, onde ela forma o grupo CADA (). Assim, enquanto o país começava a viver um profundo drama social, a jovem autora chilena começava a traçar o percurso artístico. Nesse ano, Diamela Eltit contava 24 anos. Licenciada em literatura pela Universidade Tecnológica Metropolitana, em Santiago, Diamela formou-se em 1985.

³ Para Lacan, gozo “é um lugar vazio de significantes; é a energia do inconsciente quando o inconsciente trabalha” (NASIO 1993, 29).

⁴ Diamela Eltit afirma em entrevista a Leonidas Morales que o nome Francisca Lombardo foi inspirado em uma amiga, Francesca Lombardo, uma psicanalista chilena que vivia em Paris. Segundo Eltit, Francisca Lombardo representa a mistura, o sintoma da migração e lembra a região da Lombardia (MORALES, 1998).

⁵ O gozo do Outro, nas teorias lacanianas, é um estado hipotético, a situação ideal impossível do gozo pleno, que significa a aniquilação do sujeito, ou seja, a sua morte. Em contrapartida, a dor faz o papel de uma muralha diante do gozo do Outro, é a parte sacrificada que evita o sofrimento intolerável do gozo extremo (NASIO, 1997).

⁶ O sangue é, certamente, um dos símbolos máximos da vida. Daí sua importância em sacrifícios e juramentos. No código das relações de gênero do mediterrâneo é muito comum se encontrar a idéia de “lavar a honra com sangue”, redenção única do macho, após sua “desonra”, quase sempre perpetrada, não contra ele diretamente, mas contra um parente seu, do sexo feminino. O sangue se liga também ao simbolismo da cor vermelha, pode-se mesmo dizer que a força de um alimenta o outro. Significando poder, paixão e, claro, sacrifício. O sangue derramado em sacrifício, eis o mais forte ponto desse símbolo. Todo líquido usado para libações, água, vinho, leite, óleos, são, de algum modo, representações do sangue; significantes de um suposto sacrifício primordial.

⁷ Termo utilizado por Deleuze e Guattari, emprestado da botânica, para designar o funcionamento de um sistema acentrado; a expressão máxima da multiplicidade, em oposição a um todo disciplinador, um totalitarismo estrutural.

Referências

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo vol.1**, fatos e mitos. Tradução: Sérgio Milliet. 11^a ed., São Paulo: Nova Fronteira, 2000.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**, Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual: essa nossa (des) conhecida**. 6^a ed., São Paulo: Brasiliense, 1984.

CIRLOT, Juan Eduardo. **A dictionary of symbols**. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1985.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka para uma literatura menor**. Tradução de Rafael Godinho, Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.

DELEUZE, Gilles. **O anti-Édipo**. Capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Georges Lamazière; Rio de Janeiro: Imago, 1976.

ELTIT, Diamela. *Errante, errática*. In: LÉRTORA, Juan Carlos. **Una Poética de Literatura Menor: la narrativa de Diamela Eltit**. 1^a ed., Cuarto Propio: Santiago, 1993. pp. 17-25.

_____. **Los vigilantes**. Santiago de Chile, Sudamericana, 1994.

_____. **El cuarto mundo**. Santiago de Chile: Seix Barral, 1996.

_____. *Emergencias: escritos sobre literatura, arte y política*. Primera edición. Santiago: Grupo Editorial Planeta, Junio del 2000.

_____. **Los trabajadores de la muerte**, Buenos Aires: Norma, 2001.

_____. **Vaca sagrada**. 2^a ed., Biblioteca del Sur, 2002.

_____. **Mano de obra**. Santiago de Chile: Seix Barral, 2005.

_____. **Jamás el fuego nunca**. Santiago de Chile: Seix Barral, 2007.

-
- _____. **Lumpérica**. Santiago de Chile: Seix Barral, 2008.
- _____. **Signos vitales**. Escritos sobre literatura, arte y política. 1ª ed., Chile: Ediciones Universidad Diego Portales, 2008b.
- _____. **Puño y letra**. Santiago de Chile: Seix Barral, S.A., 2005b.
- _____. **Por la pátria**. Santiago de Chile: Seix Barral, de 2007b.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque, 18ª ed., Rio de Janeiro: Graal, 2007b.
- JOYCE, James. **Ulisses**. Tradução de Bernardina da Silveira Pinheiro. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
- LAGOS, María Inés. *Reflexiones sobre la representación del sujeto en dos textos de Diamela Eltit: "Lumpérica" y "El Cuarto Mundo"*. In: LÉRTORA, Juan Carlos. **Una poética de la literatura menor: la narrativa de Diamela Eltit**. 1ª ed., Santiago: Cuarto Propio, 1993.
- MORALES T. Leonidas. **Conversaciones con Diamela Eltit**. 1ª ed., Santiago: Cuarto Propio, 1998.
- MORENO T., Fernando. *Vaca Sagrada: Goce y Transgresión*. In: **Una poética de la literatura menor: la narrativa de Diamela Eltit**. 1ª ed., Santiago: Cuarto Propio, 1993, pp. 167-183.
- NASIO, Juan David. **5 lições sobre a teoria de Jacques Lacan**. Tradução de Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- OLEA, Raquel. *El cuerpo-mujer*. Un recorte de lectura en la narrativa de Diamela Eltit. In: LÉRTORA, Juan Carlos. **Una poética de la literatura menor: la narrativa de Diamela Eltit**. 1ª ed., Santiago: Cuarto Propio, 1993, pp. 83-94.